CONFERÊNCIA DE ABERTURA

PENSAMENTO FREIREANO NO ÂMBITO DOS PROGRAMAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) NO CONTEXTO PANDÊMICO

Antes de iniciar a fala sobre o tema, gostaria de agradecer a todas, todos e todes vocês, participantes do "Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID" e "Programa Residência Pedagógica – PRP" pelo convite. Em especial às coordenações institucionais (Professora Lilian Teixeira e Professora Aline Lima) por tê-lo oficializado.

Estar em todo e qualquer espaço para falar do pensamento freiriano é sempre aceito por mim com muito bom agrado. Não porque me reconheça como uma intelectual no conhecimento de suas obras; mas, muito mais pela possibilidade de aprender sobre. Revisitar obras já conhecidas e acessar outras, ainda em processo de descoberta, é assumido por mim enquanto desafio. Isto porque reconheço o quanto me humanizo estudando Freire. Então, se o meu processo de humanização está lastreado nos ensinamentos presentes em obra freiriana, é dela que tenho que me ocupar.

Sendo assim, desafio aceito, vamos ao nosso tema: "Pensamento freireano no âmbito dos programas de formação de professores/as no contexto pandêmico".

Primeiro, gostaria de anunciar que o pensamento freiriano não está restrito às teorias pedagógicas. A obra de Paulo Freire é maior que elas. Encontramos Freire em todos os espaços em que se luta contra situações de opressão: família, igreja, comunidades, movimentos sociais, escolas... Toda vez que somos solidários aos "esfarrapados do mundo", aos oprimidos, e com eles buscamos, democraticamente, construir práticas humanizadoras. O meu encontro com Freire não se deu na academia, enquanto estudante. Eu o encontrei nas vielas da periferia de Salvador, fazendo educação popular, sob a chancela de uma universidade privada – a UCSal, onde trabalhei por 16 anos. E com ele sigo, sempre a sombra da mangueira (título de um dos seus mais conhecidos livros) buscando instituir nos espaços educacionais princípios da sua teoria emancipatória.

Como aprendiz da teoria progressista freiriana, analisei o tema proposto e o abordarei a partir de perguntas. A pedagogia da pergunta é uma estratégia freiriana que possibilita o diálogo; o aprender junto com. Para entender o tema me fiz perguntas, e as faço a vocês:

- Existe pensamento freiriano no âmbito dos programas de formação de professores(as)?
- Como analisamos o contexto considerado pandêmico?
- Quais desafios foram vivenciados neste contexto?
- E, como pensar a formação de professores(as) em um contexto de complexidade, como o nosso?

Na verdade, teria inúmeras outras perguntas. Mas, resolvi parar por aqui, antes que vocês me cobrem respostas e eu não as tenho.

Tem expressões de intelectuais que admiro que me seguem (ou perseguem) que sempre as uso, porquê se atualizam. A primeira que trago é de Milton Santos, quando no início dos anos 2000, nos disse: "***Vivemos tempos confusos e confusamente percebidos".***

Este nosso tempo está realmente confuso e é por nós confusamente percebido! E Freire sabia disto. Por isto, nos propôs a instituição de uma pedagogia da conscientização! Faz-se preciso saber de... tomar consciência, pois só a consciência de nos fará entender a nossa condição povo oprimido para que daí se faça possível lutar por nossa emancipação.

Bem, voltando as nossas perguntas... A primeira que fiz, deixarei para que vocês respondam: Existe Pensamento freiriano no âmbito dos programas de formação de professores(as)? Mais, especificamente: Existe pensamento freiriano no âmbito do Pibid e do PRP?

Espero que a minha fala possa ajudá-los(as) e encontrar a resposta.

Na segunda pergunta, sobre o "contexto pandêmico", o olhar freiriano indica que precisamos considerar alguns pontos:

falamos de um período em que tivemos as nossas vidas alteradas por conta da Covid-19 que ceifou milhões de vida, em especial nos EUA, Brasil e Rússia – e isto já deve ser um dado a chamar a nossa atenção! Digo isto porque é necessário que a gente reconheça que, no caso Brasil, a pandemia, embora tenha agravado as precárias condições de vida e de existência da população, ela não foi a causadora das crises política, econômica, social, cultural, ética e estética já iniciadas, ou ao menos, aprofundadas em 2016, quando o golpe de Estado o aparelhou segundo a lógica da iniciativa privada. Com isto, a frágil educação democrática brasileira sofre outro duro golpe – todas as instâncias de participação popular no MEC são fechadas e, sem

diálogo com as bases, os programas educacionais passam a atender apenas a interesses do capital.

Neste contexto, um novo Plano Nacional de Educação começa a ser gestado pelo Fórum Nacional de Educação (FNE) que, sem representação popular, organiza a Conferência Nacional de Educação (CONAE) de forma verticalizada e sem compromisso com a diversidade de sujeitos.

Os movimentos sociais, representação dos populares, criam, então, uma outra instância para seguir contribuindo com a educação no Brasil. Nasce assim o Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE) que viabiliza a participação dos diferentes segmentos progressistas na cena educacional. Deste movimento surge a Conferência Nacional Popular de Educação (Conape).

Temos, então, dois projetos de educação totalmente diferentes. O do FNE, instância governamental, que está alinhado a ideia de estado mínimo e, por conseguinte, com a ideia de ofertar de uma educação pobre para pessoas pobres, e o projeto do FNPE que defende a reconstrução do País com a retomada do Estado democrático de direito e a defesa da educação pública e popular, com gestão pública, gratuita, democrática, laica, inclusiva e de qualidade social para todos(as) (es).

Bem, se dois projetos, dois documentos base. Cada estados e municípios aderiu a um ou a outro, organizando as suas conferências – primeiro, as municipais e, depois, a Estadual (a da Bahia acontecerá ainda esta semana em Salvador). E vale a pena dizer que o nosso estado fez opção por trabalhar com os princípios e pressupostos pela CONAPE, do Fórum Nacional Popular de Educação, embora muitos municípios tenham trabalhado com o documento da CONAE. Escolhas políticas que refletirão na defesa que farão para a construção do Plano Nacional de Educação com vigência de 10 anos.

Tudo isto porque estamos falando de contexto. E não dá para nos entender enquanto sujeitos históricos em processo de emancipação se a gente não compreende a realidade existencial na qual nos encontramos. A gente precisa participar! Precisa exigir que o projeto educacional do nosso país seja democrático, inclusivo e emancipatório.

Quando se fica fora de um projeto educacional emancipatório a gente vira refém na história e o nosso sonho passa a ser o sonho do opressor. E nós temos um exemplo bem recente que foi a assunção de um governo de extrema direita a presidência do país. O impacto disto em nossas vidas, se não sabíamos, estamos aprendendo: além da perda de direitos civis, a precarização do trabalho, o sucateamento da educação e da cultura, o empobrecimento, o fechamento de escolas, a militarização de outras...

Ou seja, estamos tentando afirmar o seguinte: "contexto pandêmico" é um contexto político de gerenciamento de crises – a maior parte não causada pelo vírus! Afinal, porquê no Brasil já perdemos quase 700 mil vidas e na China (primeiro epicentro) menos de 5 mil? E notem que em termos populacionais temos cerca de 213 milhões de habitantes e a China quase um bilhão e meio. Proporcionalmente, a tragédia foi bem maior aqui!

Chegamos, então, a nossa terceira questão: aos desafios vivenciados no contexto pandêmico.

Para além dos desafios existenciais, sociais, econômicos...nós, educadoras(as), precisamos lidar com desafios técnicos, pedagógicos, midiáticos. O teletrabalho se instalou em nossas vidas, exigindo de nós novas e urgentes aprendizagens; também o investimento em equipamentos e tecnologia. Trabalho e vida privada se confundiram!

Quando tudo parecia entrar no eixo, os habitantes do Vale do Jiquiriçá foram surpreendidos pelas fortes chuvas. Algumas escolas foram alagadas e outras transformadas em abrigos. As condições de vida e de sobrevivência de professores(as) e estudantes sofreram grande impacto e isto tensiona o processo de escolaridade.

Então queridos(as), um programa ou projeto de formação docente, para ser freiriano, precisa levar em consideração a realidade existencial de cada pessoa envolvida; analisar as estratégias de sobrevivência e as relações que estabelecem entre si, com os outros sociais e com a cultura; valorizar saberes construídos pelas comunidades; estabelecer o diálogo e o afeto enquanto estratégias metodológicas do processo de ensino-aprendizagem; respeitar a diversidade; curricularizar a amorosidade, o respeito, a democracia...

Então, como pensar a formação de professores(as) em um contexto de tamanha complexidade? Esta é a nossa quarta questão.

E Freire nos ajudará a respondê-la!

Bom, é importante dizer que o "contexto pandêmico" também nos possibilitou maior aproximação com o pensamento freiriano. Isto porque 2021 foi o ano de comemoração do centenário de Paulo Freire – exatamente no dia 19 de setembro ele completaria 100 anos. E este fato foi comemorado em todo o mundo; mas em especial, na América Latina, onde um consórcio de instituições progressistas lançou uma campanha e selo comemorativo. A campanha reverberou em vários países. No Brasil, especialmente as universidades,

Institutos Federais, Fóruns de EJA e Cafés Paulo Freire realizaram várias atividades formativas.

Embora centenário, o pensamento de Paulo Freire é atual. Como nos diz Miguel Arroyo, é *atual* porque a *opressão* segue sendo *atual!*

Por isto, a importância de espaços como este! Espaço de reflexão em torno do fazer docente e da formação de professores(as). Precisamos falar em Freire e em sua teoria progressista. Ir da pedagogia do oprimido à pedagogia da autonomia.

Este movimento é necessário para não aceitarmos o fatalismo que insiste em nos fazer acreditar que não há o que se possa fazer frente as condições de opressão a que somos expostos(as).

Nada pode nos parecer natural (Bertold Brech)!

Precisamos deixar que a indignação nos atravesse de tal forma que nos seja obrigatório tomar providência!!

Por isto, nos é importante responder as perguntas freirianas: "trabalho em favor de quem e contra quem? Trabalho em favor do que e contra o quê?" E daí reorganizar lugares, falas, posturas, vivências!!

Este deve ser o projeto de formação de professores(as). Ensiná-los(as) a serem solidários com aqueles sujeitos que a sociedade marginaliza; possibilitar que o acesso a saberes formais signifique bem mais que títulos, mas uma formação humana e humanizadora.

Conceitos com opressor, oprimido, problematização, educação bancária, dialogicidade, conscientização, emancipação, humanização precisam ser estudados, compreendidos para que possamos formar sujeitos de direitos. Direito à vida, a saúde pública, a moradia digna, a educação, a participação social, a emancipação.

A formação de professores(as) no Brasil sempre foi alinhada aos interesses do estado burguês, desde que este substituiu a Igreja como entidade que oferta o ensino. Quando a formação específica para docentes passa a ser considerada (século XIX), e a Escola Normal chega a Bahia, é para atender aos países colonizadores que buscavam garantir a manutenção dos valores imperialistas às suas colônias. Se não mais os castigos físicos, o pelourinho, para docilizar os corpos afro-brasileiros, a escola se tornou alternativa para tornar "normal" os corpos considerados rebeldes, delinquentes, selvagens, pagãos, de forma que estes corpos se colocassem a serviço do sistema capitalista-industrial. Ou seja, o papel da escola seria o de (com)formar pessoas passivas que trabalhem como mão de obra barata para aumentar o lucro dos

empregadores.

Na contramão, Paulo Freire defende uma educação contextualizada, implicada com as formas de vida dos sujeitos populares, e que se dê a partir de metodologias baseadas em valores e crenças democráticas. Ele nos diz que "não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho". Nos diz que é preciso "conscientizar"; ensinar a ler o mundo sob uma nova ótica e, de posse dos saberes formais, ressignificá-lo.

A formação de professores e professoras, portanto, deve fazer parte de um projeto amoroso de reconstrução deste país para que se torne um lugar mais decente para se viver!!!

Mas, para tanto, precisamos ter mais coragem do que medo!

....

E para fechar a minha fala, retomemos a nossa primeira pergunta: existe Pensamento freiriano no âmbito dos programas de formação de professores(as)? Mais, especificamente: Existe pensamento freiriano no âmbito do Pibid e do PRP?

Arlene Andrade Malta
Palestrante Congresso IF Baiano